

MAGISTÉRIO EM MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DA PROFESSORA CLÉA LIMA (1943-1972)

José Marcelo Costa dos Santos¹

Maria do Amparo Borges Ferro²

RESUMO

O presente estudo tem como objeto de análise a trajetória profissional da professora Cléa Lima, no recorte temporal de 1943 a 1972. O objetivo geral é analisar a trajetória profissional dessa docente e a possível relevância de seu magistério para a história da educação do município de Parnaíba-PI. Especificamente, objetivamos: caracterizar a docência de Cléa Lima na cidade de Parnaíba-PI; identificar possíveis contribuições da carreira dessa educadora para a história da educação nessa região; e mostrar como o fazer pedagógico se tornou uma experiência social na vida de Cléa Lima. Este estudo é proveniente de uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, no campo da História Cultural, mediante a metodologia de História Oral, na modalidade História Oral Temática, tendo como técnica o relato de história oral temática. A base teórica se fundamenta em Chartier (1990), Halbwachs (2006), Meihy (2005), dentre outros. A pesquisa mostrou que a professora Cléa Lima se constituiu como uma importante referência para a sociedade parnaibana, contribuindo com a formação educacional nesse município, não apenas no ofício de ensinar, mas também na administração pública com vista à educação.

Palavras-chave: Cléa Lima. Parnaíba-PI. Trajetória Profissional.

MAGISTERIUM IN MEMORY: TRAJECTORY OF TEACHER CLÉA LIMA [1943-1972]

ABSTRACT

The present study has as object of analysis the professional trajectory of Professor Cléa Lima, in the time frame from 1943 to 1972. The general objective is to analyze the professional trajectory of this teacher and the possible relevance of her teaching for the history of education in the municipality of Parnaíba-PI. Specifically, we aim: to characterize the teaching of Cléa Lima in the city of Parnaíba-PI; to identify possible contributions of this educator's career to the history of education in this region; and to show how pedagogical practice became a social experience in Cléa Lima's life. This study comes from a historical research, with a qualitative approach, in the field of Cultural History, through the methodology of Oral History, in the modality Thematic Oral History, having as technique the report of thematic oral history. The theoretical basis is based on Chartier (1990), Halbwachs (2006), Meihy (2005), among others. The research showed that Professor Cléa Lima was an important reference for the Parnaibana society, contributing to the educational formation in this municipality, not only in the craft of teaching, but also in the public administration with a view to education.

Keywords: Cléa Lima. Parnaíba-PI. Professional Career.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí, Pesquisador do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME/UFPI) e Líder do GEFPDoc-LP/UFMA, Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marcelo.jose@ufma.br

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Líder do Núcleo de Educação, História e Memória (NEHME/UFPI), Professora Titular da Universidade Federal do Piauí, no Departamento de Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI). E-mail: amparobferro@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A História da Educação é um campo que nos instiga a muitas possibilidades de estudos. Podemos falar, tecer, contar, visitar e interpretar contextos do passado em tempos do presente, inclusive por meio da análise de relatos de memória – mecanismos que se constitui de lembranças de pessoas, tempos, objetos, instituições, histórias, pedagogias e educações.

Em se tratando da escola, muitos são os sujeitos que compõem o caleidoscópio da memória, logo, vastas são as histórias construídas nas diversas conjunturas em que atuam alunos, professores e tantos profissionais. Contudo, a maioria dessas histórias está guardada apenas nas tramas da memória de quem as construiu.

Se esses entes não têm a oportunidade de socializar essas memórias, possivelmente muito se perde, ou seja, aspectos importantes sobre as instituições e os sujeitos que formaram e construíram a educação ao longo dos tempos. Um exemplo nessa categoria são as memórias de professores, aqui em referência à professora piauiense Cléa Furtado de Araújo Ferreira Lima.

Conhecemos Cléa Lima por intermédio de sua cuidadora que, sabendo de nosso interesse por pesquisas no campo dos Estudos Culturais, nos falou dessa docente e da possível riqueza de suas histórias sobre seus tempos de magistério. Motivados pela indicação, fomos apresentados à professora Cléa que, gentilmente, nos recebeu em sua residência e aceitou o convite para participar deste estudo, estabelecendo dia e horário para que retornássemos à sua casa, localizada na cidade de Parnaíba, litoral do Piauí, cerca de 360 km da capital Teresina.

O presente estudo tem como objeto de análise a trajetória profissional da professora Cléa Lima, no recorte temporal de 1943 a 1972 – período de duração de seu magistério. Buscamos o entendimento da seguinte problemática de pesquisa: Como se caracterizou o magistério da professora Cléa Lima na cidade de Parnaíba-PI?

O objetivo geral é analisar a trajetória profissional dessa docente e a possível relevância de seu magistério para a história da educação do município de Parnaíba-PI. Especificamente, objetivamos: caracterizar a docência de Cléa Lima na cidade de Parnaíba-PI; identificar possíveis contribuições da carreira dessa educadora para a história da educação nessa região; e mostrar como o fazer pedagógico se tornou uma experiência social na vida de Cléa Lima.

Essa investigação se justifica, dentre outros fatores, por apresentar a partir das memórias da professora Cléa, aspectos da educação piauiense no século XX, com ênfase ao cenário de Parnaíba, possibilitando possíveis compreensões sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas docentes desenvolvidas no período delimitado.

2 A MEMÓRIA COMO *CORPUS* NOS ESTUDOS CULTURAIS

Quando decidimos realizar esta pesquisa, sabíamos que estávamos a adentrar a um campo de subjetividades que nos marcariam de muitas formas, era o mergulhar nas dimensões do campo da memória. Professores pesquisando a história da educação de outros professores, portanto, a história de si e do outro, amparados no olhar de subjetividade e ternura da professora Cléa Lima, uma parnaibana, normalista, pioneira do ensino e das práticas escolares de seu tempo. Mulher culta, caracterizada pela gentileza e elegância, dedicou mais de trinta anos de sua vida ao magistério.

Cada momento em que estivemos na residência dessa professora, compartilhando de suas memórias, saboreando seus biscoitinhos caseiros deliciosos, regados a suco e/ou chá, sorrindo ou vendo-a se emocionar ao lembrar seus tempos de professora na cidade de Parnaíba, nos permitiu vivenciar uma grande “experiência”, termo aqui empregado na perspectiva de Larrosa (2016), para quem a experiência é um processo de vivência que nos marca e nos transforma de alguma forma.

A professora Cléa Lima foi a última de sua geração, apresentava lucidez e disponibilidade aos 97 anos; nos ajudou a compreender faces e interfaces de como se desenhou seu magistério de 1943 a 1972, período em que atuou como professora do Ensino Primário e Secundário, professora da Escola Normal da Parnaíba e Diretora do Departamento de Educação e Saúde desse município.

Cléa ficou surpresa, e muito feliz, ao receber nosso convite para participar da pesquisa, uma vez que viu a possibilidade de compartilhar um pouco do muito vivido ao longo de décadas na docência. A produção de estudos sobre memórias de formação nos possibilita conhecer importantes aspectos da história da educação que estão guardados nas teias da memória dos professores.

Reclusas em suas lembranças, principalmente após a aposentadoria, as memórias sobre vivências, conquistas e desafios dos docentes na profissão, muitas vezes, se perdem no anonimato tendo em vista que quase não são lembrados e suas contribuições para sociedade parecem cessadas com a inatividade nos contextos da escola e das salas de aula. Felizmente, no ramo dos estudos culturais, tem-se um terreno fértil para produções sobre essas temáticas.

A História Cultural (CHARTIER, 1990), mais especificamente a última geração a partir da criação dos *Analles*, tem se dedicado a propostas de pesquisas que tratam de itinerários mais específicos como a escola e o cotidiano de professores, considerando que há nesse universo

uma gama de possibilidades de produção de conhecimento para os historiadores da educação, os quais têm utilizado, cada vez mais, fontes de memórias na produção de pesquisas.

Escrever sobre memória é um processo que requer, dentre outros fatores, um olhar de muita sensibilidade, respeito e dedicação por parte do pesquisador, uma vez que estamos envolvidos com histórias de vida, de momentos marcantes para as pessoas que decidem, por alguma razão, compartilhar conosco suas lembranças.

Em nossa pesquisa, evidenciamos como material de análise os relatos de memória, portanto, fontes de pesquisa que intermedeiam relações entre tempos, tendo vista que “a memória [...] pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado [...] o intermediário informal da cultura”. (BOSI, 2003, p. 15).

A memória permite que conversemos entre os tempos, relacionando o vivido ao que pode ser reconstituído dessa vivência, como base no grau de significação para quem rememora. Nesse sentido, Ferro (2010, p. 40) postula que a memória é “uma interpretação influenciada pela experiência do presente. [...] Mas, é além disso, uma seleção do que é considerado importante. A memória constrói, reconstrói, reelabora e ressignifica o passado”.

As memórias da professora Cléa Lima se processaram no presente, no agora, todavia, permitiram que o hoje trouxesse retratos do ontem, de outra forma, em olhares diversificados, possibilitando inclusive, que tempos e fatos fossem revisitados dado o próprio caráter da memória, como bem afirma Santos (1986, p. 12):

[...] a memória é um fenômeno sempre atual, onde o passado, mais que reconstituído, é reconstruído, num plano efetivo e mágico, onde os valores ilusórios e míticos de um tempo morto poderia renascer de uma forma coerente e verossímil.

Nora (1993), por sua vez, caracteriza esse aspecto dinâmico da memória, no sentido de que a lembrança está em constante movimento, quer de acionamento ou de esquecimento, sendo manipulada e reordenada de acordo com as situações em que é acionada dentro de um contexto discursivo ou dialético, por esta razão “a memória é um fenômeno sempre atual [...] se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. (NORA, 1993, p. 07).

No campo de estudo da História da Educação, o trato da memória sugere um trabalho de grande dedicação e zelo por parte do pesquisador, uma vez que se constitui para além de um simples objeto passível de investigação, abrange um campo ético, de subjetividades e (re)elaborações, conforme ilustra Gagnebin (2009, p. 97):

Na história, na educação, [...] o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens.

Desta feita, é nítida a importância de pesquisas em torno de temáticas construídas a partir dos conteúdos de memória: memória dos trabalhadores, memória da escola, memória dos alunos, memórias docentes. A memória pode ser um indicativo semântico de diversas construções, de elementos, sujeitos, contextos, tempos.

Isso significa que a memória não se produz apenas em grandes momentos de felicidade, por exemplo, ela pode compreender, também, as agruras e dissabores que podem ser materiais de lembranças e se tornar produtos de memória que se constrói coletivamente a partir de vivências e compartilhamentos.

Halbwachs (2006) tece uma importante discussão sobre a ideia de memória como processo coletivo que se forma nas interações entre sujeitos em uma comunidade afetiva, formada por histórias vividas, construídas e compartilhadas entre indivíduos ao longo de gerações.

Esse autor considera que a memória é campo em que o conteúdo se organiza a partir do grau de expressividade entre os entes diante de um evento, uma situação, um assunto, um ato. Portanto, não há uma regularidade de nível entre as pessoas que constroem uma memória, visto que para uns ela pode ser extensa, com detalhes e grande carga de expressividade, enquanto para outros pode não passar de lapsos que, para serem lembrados, precisam que se juntem às memórias de outras testemunhas dos fatos.

Vale ressaltar que isso não é um ato mecânico, ou seja, não basta que se juntem peças e já se tenha uma memória (re)construída, é preciso traçar pontos de relação, buscar as ligações entre um relato e outro, os elos que podem permitir que haja, realmente, o acionamento da memória, como salienta Halbwachs (2006, p. 34):

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser construída sobre um fundamento comum.

Nesta esteira, ao compartilharmos uma memória construímos o que o teórico acima considera como *comunidade afetiva*, cuja está relacionada aos membros que partilham e compartilham a memória, inclusive sem que tenham estado presentes durante o evento a ser

lembrado, mas que passam a construir a memória desse acontecimento a partir do relato compartilhado com outros que o conhecem e/ou o vivenciaram. A memória opera a partir de diferentes segmentos: pessoas, tempos, objetos, ambientes, roupas, livros, pinturas, fotografias etc. (HALBWACHS, 2006).

No caso das memórias de professor há, além de conteúdos orais, a oportunidade da descoberta de documentos que elucidam e validam essa memória, uma vez que foram produzidos nas vivências que são conteúdos a serem lembrados como, por exemplo, dos diários de classe, as fotografias, os livros e os objetos dos tempos da docência.

Assim se deu o relato da Prof.^a Cléa Lima que, gentilmente, nos recebeu em sua residência para compartilhar conosco aspectos de sua trajetória ao longo de décadas, como professora em Parnaíba. Essa profissional ajudou a desenvolver a educação parnaibana, dedicando parte de sua vida ao ensino de gerações e à formação de professores nessa região.

3 METODOLOGIA

Este estudo é proveniente de uma pesquisa histórica, de abordagem qualitativa, no campo de estudo da História Cultural (CHARTIER, 1990), mediante a metodologia de História Oral (MEIHY, 2005), na modalidade História Oral Temática. Trabalhar com História Oral é possibilitar que a história seja registrada de formas diversas, para além do que foi instituído nos cânones, uma vez que “a história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e é reconhecida como história viva”. (MEIHY, 2005, p. 17).

O historiador da educação que decide trabalhar com História Oral tem acesso a “uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. (DELGADO, 2003, p. 23). Um saber que advém de processos de interação entre sujeitos, testemunhas, atores principais ou coadjuvantes nos processos da vida em sociedade.

A técnica que utilizamos foi o relato de história oral temática – uma adaptação da entrevista de história oral de vida (MEIHY, 2005). Desenvolveu-se mediante um diálogo informal no qual a colaboradora pode se expressar livremente sobre aspectos de sua história como profissional do magistério.

Após a assinatura do TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido, por meio do qual a professora Cléa nos autorizou à realização deste estudo, bem como à divulgação de seu

nome, do conteúdo do relato e de documentos sobre seus tempos de professora, passamos ao desenvolvimento da técnica, ocorrido em meados de 2020, antes do surgimento dos primeiros casos de *Covid-19* em Parnaíba. A técnica teve duração de uma hora e vinte e três minutos e foi gravada em aparelho digital.

O primeiro passo foi a assinatura do TCLE, seguido pela produção do relato, o qual se deu mediante cinco perguntas de comando, que geraram outras questões conforme a conversa foi fluindo, contemplando o período do magistério da supracitada professora, de forma a motivá-la a falar de suas memórias, compreendendo desde seu ingresso na docência aos desafios, alegrias e agruras da profissão.

Seguimos então, para a transcrição e textualização do relato na íntegra. Após essa etapa, fizemos a devolutiva do conteúdo em forma de texto transcrito à colaboradora para que analisasse e fizesse, caso fosse de seu interesse, modificações. A etapa seguinte foi a organização do relato em forma de texto paginado, seguida da análise do relato e construção do produto final, em formato de artigo científico.

A técnica desenvolvida possibilitou a produção de um relato marcado por memórias de formação que nos permitiu revisitar o passado histórico da educação parnaibana no século XX, com enfoques ao processo formativo dos professores normalistas, bem como às práticas pedagógicas docentes desse período.

4 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DA CLÉA LIMA NA EDUCAÇÃO PARNAIBANA

Pioneira dos grupos escolares, dos ginásios, da formação de cidadãos parnaibanos e de professores em formação na Escola Normal da Parnaíba, a professora Cléa Lima construiu uma vida de lutas, conquistas e consolidações a partir do magistério. Registrada como Cléa Furtado de Araújo, nasceu em 17 de março de 1923, filha de Raimundo Teodoro de Araújo (contador) e Francisca Furtado de Araújo, conhecida como “Dona Francisquinha”. O acréscimo do sobrenome Ferreira Lima deveu-se ao enlace matrimonial com o senhor Raimundo Arary Ferreira Lima (*in memoriam*).

Tendo em vista a situação socioeconômica da família – considerada de condições razoáveis para época – a menina Cléa iniciou seus estudos em uma escola particular denominada Escola Brasil (1928) que, de acordo com o relato expresso, era dirigida pela professora maranhense Maria Celeste de Jesus.

Após os primeiros estudos na referida instituição, Cléa Lima frequentou o Colégio das Irmãs Catarinas (1929-1932) e em seguida foi aprovada para estudar no Ginásio Parnaibano (década de 1930), tempo em que o ingresso se dava via Exame de Admissão.

Ressaltamos que o exame de admissão, em nível nacional, tornou-se obrigatório a partir de 18 de abril de 1931, por força do Decreto n. 19.890, como parte das medidas institucionais da Reforma Francisco Campos. De acordo com o artigo 22, o exame deveria ofertar provas escritas, nas áreas de Português e Matemática, bem como provas orais, em Geografia e História do Brasil. (BRASIL, 1931).

A este respeito, a professora Cléa fez a seguinte menção:

Cursei cinco anos no Ginásio Parnaibano, mas tinha que fazer um exame de admissão, era uma prova oral e escrita, eles perguntavam tudo e tudo o aluno tinha que saber. Lá eu estudei matérias diversas: português, matemática, francês, história universal, que abrangia o estudo da formação do mundo e demais fases da história da humanidade e muitas outras matérias.

A colaboradora tinha planos de se tornar médica, todavia, não obteve permissão dos pais, como expressou em seu relato: “Quis Medicina, mas não pude porque era mulher e meus pais não permitiram. Como uma moça poderia estudar fora? Quem cuidaria de mim?”. O relato da professora evidencia as relações sociais da época, em que a mulher continuava a ter severas restrições para estudar e trabalhar, ainda que fosse de camada social de razoáveis condições financeiras. A obediência ao pai era fator rigoroso na educação, de influência patriarcal, recebida no seio familiar.

Vemos nessa questão um dilema que atravessou séculos: a mulher sendo obrigada a ser submissa: primeiro à família e depois ao marido, não podendo expressar seus anseios nem seus projetos de vida profissional. A esse respeito, Moreira (1997, p. 25) ressalta:

Os estudos que abordam a temática da família e da mulher no interior do processo de constituição e reorganização do espaço urbano, a partir do final do século XIX e nas primeiras décadas deste século (XX), apontam para a construção de práticas e discursos das classes dominantes no sentido de normatizar e disciplinar comportamentos entre os componentes do núcleo familiar.

Ainda que se tivesse, grosso modo, tentativas de discursos sobre o papel da mulher na sociedade, continuava a pairar a tradição do patriarcado, logo, era a vontade do pai – o “chefe”, o “mantenedor da prole”, o “homem da família” – que deveria ser seguida. Assim, o sonho de ser médica não poderia se realizar, entretanto, Cléa não desistiu de buscar seu caminho profissional.

Antes mesmo de decidir ser profissional, teve a oportunidade de vivenciar o magistério como leiga: foi professora de reforço, indicada por seus próprios professores do Ginásio Parnaibano, dado sua aptidão no trato das disciplinas do currículo escolar da época (década de 1930). Essa primeira atividade a fez perceber, ainda que sutilmente, que a docência estava a lhe abraçar, tornando a decepção em não poder ser médica em desafio de tornar-se professora, como podemos verificar em seu relato:

Médica eu não poderia ser, mas eu queria ser alguém com formação, ter estudo, então continuei estudando. Ah, antes de terminar o Pedagógico eu já era professora e olha que eu acho que já gostava da profissão [risos]: preparava deveres de alunas do Colégio das Irmãs Catarinas, que era o Ginásio das Freiras. Eu dava reforço, indicada pelos meus professores; o reforço era chamado, naquele tempo, de Repetição, eu dava reforço de tudo, menos matemática. Era assim: quando o aluno tinha dificuldade em alguma matéria, eu explicava aquele assunto e ia fazendo a repetição até ele aprender; eu ganhava uns minguados que as próprias alunas pagavam. Era uma coisa que eu gostava de fazer, nem ia pelo dinheiro, acho que já era mesmo a vocação que já me chamava. [...] Eu não sei se teria sido uma boa médica, mas sei que era na Educação que eu seria feliz e fui.

Após os estudos secundários, Cléa conseguiu ingressar na Escola Normal da Parnaíba e o projeto de se tornar professora começou a ganhar fôlego. A colaboradora estudou em um período (1939-1941) marcado pela escassez de professores formados. Havia grande carência em todo o Piauí, fruto da herança construída histórica e culturalmente, a qual foi marcada pelo atraso e por dificuldades de implantação e consolidação de sistemas de ensino e de políticas de formação de professores no Estado (FERRO, 1996).

Prova disso é que, embora o curso normal tenha sido implantado no Brasil em 1835 (VILLELA, 2008), no Piauí, desconsiderando as tentativas frustradas ocorridas no final do século XIX, a Escola Normal é implantada em 1909 e passa a funcionar, efetivamente, em 1910, em Teresina (FERRO, 1996).

Em Parnaíba, somente em 1927 tem-se a oferta do Curso Normal, funcionando juntamente como o Ginásio Parnaibano no prédio do primeiro grupo escolar da cidade – o Miranda Osório (BRITO, 1996). Em suas primeiras turmas, para o ingresso no curso, havia exame de admissão e era cobrada mensalidade.

A Escola Normal de Parnaíba foi criada em 1927, reconhecida e regularizada por força da Lei 1.196, de 18 de julho de 1927, condicionada a prévia fiscalização do Governo do Estado funcionando nos termos da Escola Normal Oficial de Teresina, com um currículo de quatro anos. As escolas equiparadas à Escola Normal Oficial seguiam a mesma estrutura curricular e organização administrativa e didática, que tinham como fundamento o Regulamento de

1910, com pequenas alterações, que permaneceu em vigor até 1930. (RODRIGUES, 2014, p. 317).

Cléa Lima iniciou o curso em 1939, consciente de que ser normalista era algo visto com bons olhos pela sociedade e, embora a conclusão do curso não implicasse o ingresso no magistério, tendo em vista que algumas moças não exerciam a profissão, no caso de Cléa era um caminho a ser traçado.

Ela nos contou em seu relato que, logo no início da formação, já se identificou com o campo da docência, ratificando a premissa de que no período em que foi professora leiga ocorreu sua identificação com a carreira. Para Cléa, ser normalista, além da questão social, era uma realização pessoal e o antigo desejo pela Medicina deu espaço ao amor pela Educação. Relembrando sua trajetória como aluna normalista, a colaboradora fez o seguinte relato em referência ao currículo e ao corpo docente do curso:

Quando terminei o Ginásio, comecei o Pedagógico, fiz três anos de Pedagógico. Lá estudei: Física, Química, Puericultura, História Natural, Ciências Naturais, Trigonometria, Desenho em Perspectiva, Desenho Pedagógico (que era o desenho para enriquecer a aula), Inglês, Português, Latim, Educação Moral e Cívica e outras. Tive muitos professores, pessoas cultas, eram excelentes, posso citar: José Pires de Lima Rabelo, Dr. Edson da Paz Cunha (Português), Alfredo Armstrong (Desenho e Desenho em Perspectiva), Dr. João Orlando de Moraes Correia (Ciências), José de Lima Couto (Inglês), Francisco Brandão (Química) e João Aragão (Física).

Os nomes citados por Cléa são figuras tradicionais na memória do município de Parnaíba, inclusive quase todos os mencionados deram nome a escolas municipais e estaduais nesse território. Vale ressaltar que a década de implantação da primeira escola normal parnaibana compreendia um esforço de busca por uma possível modernização da cidade, inclusive no campo educacional. A esse respeito, Lopes (2001, p. 80) postula:

A interiorização da formação de professoras teve, contudo, que esperar até 1927 sendo iniciativa não do Governo Estadual, mas de um município que procurava se modernizar: Parnaíba. [...] Parnaíba, na década de 1920, tornou-se a cidade do Piauí onde mais inovações ocorreram em educação. A municipalidade e a elite comercial, empenhadas em modernizar a cidade, realizaram uma série de ações na área educacional.

O público dessa escola era, principalmente, as moças da sociedade local, ratificando a compreensão de que o curso normal era bem-quisto, não apenas por formar para o magistério, mas por tornar as jovens da época pessoas cultas e preparadas para compromissos sociais de matrimônio, por exemplo.

Por essa razão, possivelmente, se deve o fato de ter sido composto em suas primeiras turmas apenas por mulheres, diferenciando-se da pioneira do Brasil, Escola Normal de Niterói (1835), que tinha apenas homens em suas primeiras turmas, o que mostra os sinais dos tempos no campo da História da Educação.

Vale destacar que os cursos normais tornaram o cenário da docência primária quase intrínseco à tarefa feminina, sendo os homens substituídos pelas professoras normalistas. Os professores continuavam a atuar no Ensino Secundário, mas a docência nos primeiros anos de escolarização sofreu uma espécie de “feminização”, ficando principalmente a cargo de mulheres que, por muito tempo, foram responsáveis por essa etapa de educação.

Na Escola Normal da Parnaíba, que passou a ser denominada de Escola Normal Francisco Correia na década de 1950, período em que também foi estadualizada, com base no livro de frequência da Escola, verificaram-se distribuições irregulares de gênero entre as décadas de 1970 e 1980, mostrando uma tímida participação de homens como alunos normalistas (RODRIGUES, 2013).

Um indicativo da configuração dessa realidade se dá no relato da própria professora Cléa: “Na minha turma, e na escola toda eu acredito, não havia homens como alunos, somente os professores”. A Escola Normal da Parnaíba cumpriu uma função de grande importância para toda sociedade parnaibana e de outras localidades, formando dezenas de turmas de novas professoras, como bem salienta nossa colaboradora:

Estudar na Escola Normal era algo de prestígio, um curso muito bem organizado, com disciplinas teóricas e pedagógicas. Eu tive uma formação muito eficiente e quando lá estive como professora, busquei cumprir com meu papel com eficiência e compromisso. Eu sempre fui uma pessoa de muitas ideias, sempre muito responsável.

A professora Cléa atestou que o curso tinha visível respaldo social, compartilhou que suas experiências de normalista em muito lhe ajudaram a fortificar e construir *status*, influenciando em sua ascensão na sociedade tradicional da época. O magistério atravessou sua vida desde a adolescência à vida matrimonial.

A participante tem ternas memórias do tempo em que usava o uniforme de normalista, bem como de quando lecionava nas turmas de alunos na Escola Normal – instituição que, segundo a colaboradora, deu-lhe mais que formação pedagógica e oportunidade de carreira profissional:

Uma moça que usava a farda de normalista tinha que se comportar como uma normalista. E eu estou falando não só como aluna, porque no meu tempo, o pedagógico da Escola Normal era um curso de preparação social também. Dava destaque uma moça de família ser formada. Eu mesma era muito bem vista por ter sido normalista. E era uma graça aquela farda, tão bem costurada e bordada. O bolso era bordado. [...] Quando eu voltei, já como professora, ainda existia o cuidado com a farda, minhas alunas andavam bem trajadas, afinal iam ser professoras formadas, tinham que saber se portar, não é?

Em 1942, Cléa concluiu os estudos na Escola Normal da Parnaíba. Durante a produção de seu relato, tivemos a oportunidade de apreciar seus vários álbuns, inclusive de seus tempos de normalista, como nos mostra a figura em destaque, um dos tesouros guardados com muita afeição por essa docente: o registro de sua formatura na Escola Normal. Essa imagem representa bem o caminho que essa docente trilou como professora profissional.

Figura 1: Normalista Cléa Lima (1942)



Fonte: Acervo particular da Prof.^a Cléa, cedida aos pesquisadores

Ainda falando de seus momentos finais no curso pedagógico, uma das primeiras ações da Prof.^a Cléa foi nos mostrar, com grande esmero, seu diploma de normalista, expressando seu orgulho pela profissão e o significado dessa certificação para a sociedade da época, com bem afirmou: “Meu diploma é um orgulho para mim, eu guardo com muito carinho. Ser professora foi o trabalho da minha vida! Ser normalista era algo grandioso, digo a você que não era para qualquer um, não!”.

Cléa Lima se tornou professora, oficialmente, no Grupo Escolar Miranda Osório (1943), onde desenvolveu uma carreira promissora, tornando-se profissional referência, uma vez que

articulava diversos conhecimentos ministrando diferentes disciplinas, inclusive as línguas estrangeiras, com dedicação e notável profissionalismo.

Os contratos de trabalho nas instituições públicas, nesse período, eram celebrados anualmente, por meio de registro em documento oficial, emitido pelo órgão responsável, com sede em Teresina. Sobre como eram os contratos e a remuneração, Cléa fez o seguinte relato:

Eu assinava um contrato anual, com recomendações de duração de aula etc. Na época, eu ganhava cinco mil réis, cada aula tinha 50 minutos, com intervalos de 10 minutos, nunca cheguei atrasada, sempre fui uma professora assídua, ministrando muitas matérias, principalmente francês.

Em 05 de janeiro de 1950, Cléa recebeu, por meio do Decreto-lei n. 8.777, de 22 de janeiro de 1946, processo n. 92. 897/44, o certificado de registro definitivo/licença legal para lecionar francês no segundo ciclo (Ensino Secundário), no Estado do Piauí. O referido certificado, de n. 3.935, foi conferido pelo então Ministério da Educação e Saúde, através de sua Diretoria de Ensino Secundário, conforme verificamos no documento original. Com essa licença, Cléa se tornou definitivamente professora de francês no ensino secundário. Além de francês, a colaboradora se tornaria também ministrante de Inglês.

Sobre as condições para o ingresso na carreira, uma das exigências para o ato de celebrar os contratos de trabalho era a apresentação do Atestado de Idoneidade Moral. Por meio desse documento era ratificado o reconhecimento da professora a ser contratada, como pessoa ilibada na sociedade, estando apta a exercer o magistério. Tivemos acesso a alguns desses atestados, comprovando a imagem bem quista de Cléa Lima diante das autoridades de ensino da época.

Professora dedicada ao ofício de ensinar, além do curso pedagógico Cléa frequentou diversas formações como, por exemplo, o Primeiro Curso de Atualização Pedagógica para Professores de Inglês do 1º e 2º graus, pelo Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi, em parceria com a Secretaria da Educação e Cultura do Piauí, em 1973.

Concluiu o curso de Psicologia das Relações Humanas, pela Divisão de Intercâmbio e Assistência Técnica do Departamento Nacional do SESI, em colaboração com o Departamento Regional do Piauí, na mesma década. Em seu *currículo vitae* constam ainda, curso de Didática do Francês e curso sobre o Método de Supervisão TWI – condensado, pela Escola SENAI de Parnaíba.

A pedagogia desenvolvida pela professora Cléa, além de contribuir com a formação do alunado, foi motivação para que muitos prosseguissem no estudo de línguas estrangeiras,

principalmente o Francês. Essa docente teve participação direta na formação de centenas de adolescentes e jovens parnaibanos que aprenderam, por meio de sua prática pedagógica docente, a caminhar nos labirintos dos idiomas estrangeiros e de outras disciplinas.

Ministrando cadeiras como: Inglês, Francês, História da Educação, Educação e Puericultura, Psicologia, dentre outras, a professora Cléa Lima atuou, em seus 35 anos de magistério, em instituições tradicionais da cidade, nos setores público e privado, a saber: Grupo Escolar Miranda Osório, Grupo Escolar Cândido Oliveira, Ginásio Parnaibano, Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, Colégio Nossa Senhora das Graças, União Caixeiral, Colégio Diocesano, Colégio Estadual Lima Rebelo, Escola Normal da Parnaíba/Escola Normal Francisco Correia.

Essa docente foi educada e ensinou nas trilhas das tendências liberais de educação, recebendo marcas do tradicionalismo, com enfoque à autoridade do professor em sala de aula e centrada na preparação intelectual e moral dos alunos. Sua metodologia de ensino contemplava a formação pautada no ensino de excelência, com certo grau de rigidez e observância aos valores morais e éticos típicos da tendência liberal tradicional (SAVIANI, 2010).

Os alunos eram submetidos a exames escritos e orais, principalmente nas disciplinas de idiomas, para que se observasse o nível de proficiência adquirido. Segundo Cléa, seus alunos geralmente eram muito interessados, salvo alguns que não apreciavam os estudos. Em seu relato ela explicou suas relações com seu alunado:

Como professora eu era de severidade, mas assim e assim. Dizia, “minha filha, se você não quer assistir aula vá lá para fora, mas não fique atrapalhando!”. Eu fazia provas mensais escritas e orais. Eu tenho aluno que mora nos Estados Unidos, quando vem aqui, fica agarrando na minha mão, precisa ver. Tenho aluno médico, advogado, padre, freira, muitos professores etc.

Relembrando esse período, a Prof.^a Cléa falou-nos da cultura escolar de sua época e de como eram os alunos, mostrando seu orgulho por ter ajudado a formar personalidades importantes que atuaram e/ou atuam em campos como Educação, Política e Saúde, no município e fora dele, já que os egressos de suas turmas estão espalhados pelo Brasil e até no exterior.

Nesse ensejo, a prática pedagógica docente da Prof.^a Cléa Lima se norteou por trajetórias e vivências, experiências (LARROSA, 2016) e trabalho dedicado à formação da sociedade parnaibana, ora como professora de instrução básica em vários colégios e educandários, ora como professora de futuros professores, na Escola Normal.

Como formadora de novos professores, Cléa sentia-se honrada por ter feito parte da história dessa instituição, considerava que foi uma professora muito dedicada, mas rígida quando precisava ser. Sua docência se insere no olhar de uma prática pautada na educação a partir de um trabalho planejado, articulado, bem-feito.

Em mais de três décadas de trabalho na educação, evidenciou diferentes momentos, acompanhou movimentos históricos, participou da construção de práticas de ensino, educou gerações. O relato de Cléa rememora traços de uma vida marcada por importantes trajetórias, o que lhe conferiu convites para ser paraninfa, patronesse e professora homenageada de várias turmas de normalistas, como é mostrado na figura abaixo.

Figura 2: Discurso como paraninfa na Escola Normal



Fonte: Acervo particular da Prof.ª Cléa, cedido aos pesquisadores

A referida docente também possuía certificado de honra pelos serviços prestados como professora do Colégio Estadual Lima Rebelo e ainda, recebeu homenagem por sua participação como professora de francês no Colégio Nossa Senhora das Graças (Colégio das Irmãs).

Acionando suas memórias coletivas (HALBWACHS, 2006), memórias de formação sobre sua vida de professora, Cléa expressou emoção, visivelmente perceptível entre olhares e mãos que se abraçavam ao afirmar: “O magistério foi tudo na minha vida, eu me sentia realizada, eu me sentia feliz! Eu sempre gostei de ser professora, sempre estudei muito. Eu sou a última de minha época!”.

A trajetória de Cléa Lima pode ser considerada uma possível experiência (LARROSA, 2006) em magistério na cidade de Parnaíba, porque trouxe marcas de vida e possibilitou transformação em outros. Quando perguntada sobre seu conceito de educação, ela assim se expressou:

Educação é um bem maior que uma pessoa pode ter, uma construção, um processo, eu diria mais que isso, é uma riqueza que permite o sujeito conquistar o que quiser. Meus alunos, por exemplo, saíram daqui e alguns estão até no exterior, bem formados, com boa profissão. Na minha vida, a educação me permitiu ser e fazer muitas coisas, inclusive ser professora de futuros professores, como foi lá na Escola Normal. Educação em si já é uma grande transformação.

O conceito de educação expresso pela professora Cléa Lima traz um dos principais sentidos de se desenvolver esse processo: a contribuição do professor enquanto docente e dos alunos que aprendem pelas práticas desenvolvidas. No caso da professora em questão, podemos dizer que ela viveu seu processo de transformação quando, por meio da docência, pode conquistar uma carreira, se tornou profissional, galgou formações e posições sociais; aprendeu idiomas e ajudou a outros a aprender. Em quase um século de vida, Cléa sentia-se realizada por tudo que construiu.

Figura 03: Prof.^a Cléa Lima aos 97 anos (2020)



Fonte: Acervo particular da Prof.^a Cléa, cedido aos pesquisadores

Por meio de sua pedagogia, muitas gerações aprenderam, puderam prosseguir em nos estudos, conquistaram patamares profissionais e sociais, considerando a conjuntura sociocultural na qual foram alunos dessa professora. Para Cléa Lima, ser professor é:

[...] é ser uma pessoa que pode ajudar, e muito, a sociedade. Fazer com que se tenha bons homens e mulheres de capacidade, pessoas cultas, íntegras, competentes. Eu sempre vivi entre pessoas muito cultas, educadas, então para mim a educação é uma condição se viver melhor, de ser uma pessoa admirada e respeitada por onde for. E isso só é possível pelo trabalho dos professores.

A docente em questão encerrou suas atividades, oficialmente, em 1972, como professora titular de francês, tendo o Colégio Estadual Lima Rebelo como a sua última instituição de trabalho no ensino público piauiense. Contudo, além magistério, Cléa atuou como Diretora do Departamento de Educação e Saúde da Prefeitura de Parnaíba, nomeada pela Portaria n. 291, de junho de 1951, assinada pelo então Prefeito de Parnaíba, Dr. João Orlando de Moraes Correia. Lima teve participação importante na organização e administração dos trabalhos dessa secretaria.

Como membro de influência no setor, Cléa era sensível às questões sociais do município, mostrando traquejo para buscar soluções para situações que ocorriam com frequência na época, como a dificuldade de estudar por parte de crianças de famílias carentes que não podiam manter seus filhos na escola. Eis o relato sobre esta questão:

A prefeitura passou a pagar uma quantia para quem não podia estudar no Ginásio, então eu fiz um rateio e quem tinha mais filhos eu dava um pouquinho mais, trabalho que eu inventei. Então, eu me sobressaía. Eu sempre fui uma pessoa com facilidade de criar, de inventar, é um dom, não sei! Lembro que uma vez em que fui visitar as escolas ribeirinhas na Ilha Grande [então zona rural de Parnaíba], eram muito precárias, as professoras eram leigas, recebiam um ordenado ínfimo, não havia cadeira, carteira própria para estudante; não havia quadro negro, não havia esponja, era uma coisa precaríssima! Então, aquilo me tocou, sabe, eu precisava fazer alguma coisa e fiz! Falei com o Dr. João Orlando e foi criada uma verba para eu comprar material escolar e distribuir às professoras, o que foi um alento para elas. Foram compradas carteiras, quadro negro e distribuí naqueles povoados. Eu visitava as escolas de quinze em quinze dias, de mês em mês, ia de barco, a água entrando nas beiradas da canoa e eu com medo.

Dessa forma, ratifica-se a ideia de experiência social na carreira de Cléa Lima, uma vez que ela não tinha, necessariamente, o dever de visitar e interagir com as ribeirinhas da localidade em questão, tendo em vista que havia um supervisor geral encarregado, ainda assim ela se deixava tocar pela situação, era professora e via o pesar de suas colegas de profissão.

Cléa ainda passou dez anos *pró-labore*, após sua aposentadoria pela Secretaria de Estado da Educação do Piauí, atuando como professora, principalmente de inglês e francês. Por fim, foi Secretária da Estrada de Ferro, órgão em que findou suas atividades profissionais em Parnaíba.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser professora no Piauí é uma tarefa árdua, cheia de desafios. Na cidade de Parnaíba, descobrimos essa remanescente do século XX, que dedicou sua vida à educação, tendo atuado na docência antes mesmo de ter formação em magistério, mostrando desenvoltura para essa profissão.

Cléa Furtado de Araújo Ferreira Lima se constituiu como uma importante referência para a sociedade parnaibana, o que foi ratificado ao longo do texto pela análise de sua trajetória como professora que contribuiu para a formação educacional desse município, não apenas no ofício de ensinar, mas também na administração pública com vista à educação.

Ao descrevermos partes da vida da professora Cléa Lima na educação de Parnaíba, no período de 1943 a 1972, compreendemos aspectos da formação dos professores no Piauí, principalmente no que diz respeito ao ensino normalista. Isso evidenciou a relevância da prática pedagógica docente dessa notável mulher e sua importante contribuição ao povo parnaibano.

Além de uma experiência ímpar, esse estudo se torna importante, também, por oportunizar aos leitores uma visão de como o magistério, se bem desenvolvido, pode influenciar na vida de uma sociedade e na vida de quem o executa, trazendo reconhecimento e satisfação pessoal.

Nesse sentido, acreditamos que os objetivos foram alcançados tendo em vista que a pesquisa, além de mostrar a trajetória de Cléa e sua influência na educação de Parnaíba-PI, se constituiu como uma oportunidade de reflexão sobre algumas das principais dimensões do fazer docente: a prática pedagógica, o processo formativo e a cultura escolar, tomando como referência o século XX.

A professora Cléa Lima faleceu em janeiro de 2023, dias antes de completar seu centenário. Sua memória enriqueceu os estudos sobre a educação de Parnaíba-PI, tornando-a imortal na história, portanto, seu legado se corporifica nos ditos e interditos de tantos alunos que foram formados a partir de suas práticas, bem como nas memórias dos estabelecimentos de ensino e na história da educação piauiense.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html> Acesso em 21 abr. 2020

BRITO, Itamar de Sousa. **História da Educação no Piauí**. Teresina: ADUFPI, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf Acesso em 30 out. 2019.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina, 1996. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Superando a pedagogia sertaneja**: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908-1930). Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Ceará, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: 1998.

MOREIRA, Maria de Fátima Sálum. Homem e mulher na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 15, n. 21, p.23-3, 1997. Disponível em:

<<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/viewFile/834/1046>> Acesso em: 11 jul. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. PUC/SP, n. 10, dez. 1993. p. 07-28.

RODRIGUES, Maria do Socorro Meireles. O Ensino Normal em Parnaíba: Instituições escolares de formação de professores (1927-1982). **Anais do Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, 2014, n. 3, v. 5, p. 309-325.

RODRIGUES, Maria do Socorro Meireles. **Do ensino normal ao pedagógico**: história e memória das instituições escolares de formação de professores em Parnaíba (1927-1982). Teresina, 2013. 160 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí.

SANTOS, Carlos Afonso Marques dos. Memória, história, nação: propondo questões. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 87, out./dez., 1986. p. 05-12.

SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. A Primeira Escola Normal do Brasil. In: ARAUJO, J.C.S. FREITAS, A.G.B. e LOPES, A. P.C. (Orgs.). **As Escolas Normais no Brasil**: do Império à República. Campinas, SP: Editora Alínea. 2008.

Recebido em: 08/03/2023

Aprovado em: 15/05/2023